Segmento: PUCRS

20/11/2020 | Correio do Povo | Artigo | 2

A naturalização dos espaços

Angela Antunes - Diretora do Sintergs

Apenas 3% dos funcionários públicos estaduais de nível superior são pretos, mostra recente pesquisa com associados do Sindicato dos Servidores de Nível Superior do Executivo do Rio Grande do Sul (Sintergs), realizada pela PUCRS. De 366 participantes, 91% se declararam brancos, 5,7% pardos e 0,3% indígenas. . Este estudo me instigou a "procurar" estes servidores pretos. O mais impressionante é que algumas secretarias não têm nenhum negro ou negra da base do Sintergs. Embora não seja surpreendente, considerando a dificuldade do acesso de não brancos à universidade, mesmo com a conquista das cotas, o resultado da pesquisa serviu para uma reflexão dentro do sindicato. Infelizmente, é comum a naturalização dos espaços, alguns vistos como de brancos e outros como de negros. Certa vez, em uma discussão sobre cotas no meu trabalho, questionei uma colega em relação aos estudantes negros ou negras que ela conheceu na faculdade.

A resposta foi: "Não prestei atenção neste detalhe, pois para mim todos eram colegas". Embora parecesse simpática, a declaração é de negação e alimenta o discurso irreal de uma democracia racial brasileira. Ao percorrer as secretarias de Estado, verifica-se que os servidores de nível superior ou em cargos de chefia são, em sua maioria, brancos. Já a maior parte dos funcionários terceirizados de limpeza e de manutenção é negra. Muitas pessoas não refletem sobre esta situação, pois já naturalizaram os ambientes. Se acostumaram com médicos, advogados, veterinários e outros profissionais graduados brancos. Estranham quando se deparam com um profissional negro, como se ele estivesse fora do "lugar". Refletir sobre esta desigualdade, sobre o acesso à educação, a representatividade e assumir que há privilégios em ser branco é o primeiro passo para a mudança. Entender a necessidade das cotas, da dívida histórica do Brasil com os afrodescendentes e indígenas e desmitificar a meritocracia, como se todos tivessem acesso às mesmas condições, também é fundamental. O Dia Nacional da Consciência Negra tem sua raiz em solo gaúcho, no Grupo Palmares, em Oliveira Silveira, Antonio Carlos Côrtes e em outros militantes negros e negras. Viva o 20 de Novembro! Que este dia conscientize também a branquitude. Como diz Grada Kilomba, é necessário sair da defensiva do "eu não sou racista" e indagar-se: "Como eu posso desmantelar meu próprio racismo?".

20/11/2020 | Correio do Povo | Ensino | 11

Pandemia dá novo formato ao concurso 2020

Na PUCRS, da Capital, ambientes inovadores, currículos flexíveis e experiências internacionais estão consolidados

A pandemia da Covid-19 alterou o rumo de praticamente todos os setores da sociedade. Na Educação não foi diferente. Concursos vestibulares, que reúnem milhares de candidatos, precisaram ser modificados com eficiência e qualidade, para dar segurança a quem aplica e a quem faz a prova. A PUCRS, na Capital, que organiza um dos maiores concursos da rede privada, terá prova em dois formatos: para o curso de Medicina, haverá exame presencial no dia 5/12, (sábado), das 13h às 18h30min (horário de Brasília); e, para os cursos das demais áreas do conhecimento, prova on-line, às 15h, do dia 6/12, (domingo). E há opção de aproveitamento da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Assim, os candidatos podem escolher se querem ser avaliados pela nota da prova, do Enem ou ambas, considerando sua melhor classificação.

As inscrições vão até 25 de novembro de 2020, pelo site: www.pucrs.br/estudenapucrs. "A realidade, a partir do contexto da pandemia, nos impõe limitações", avalia Ana Benso, diretora acadêmico-administrativa da PUCRS. Na impossibilidade de realizar o concurso presencial para todos, a universidade decidiu pelo vestibular, nesta modalidade, para o curso de Medicina, que é o mais concorrido e seguirá o mesmo formato dos anos anteriores, com prova objetiva de 70 questões e Redação. Já a seleção em formato on-line será composta por uma Redação. "É uma prova, através da qual conseguimos avaliar vários conhecimentos do candidato, como a autoria, a escrita e a capacidade de raciocínio, entre outros pontos", explica, lembrando que o exame será aplicado em

ambiente virtual composto de robusto sistema antifraude, de empresa especializada em recursos tecnológicos de segurança para processos de avaliação remotos.

NOVOS CURSOS.

As limitações da pandemia, no entanto, não impediram a universidade de ampliar o seu leque de oferta de opções. Este ano, a PUCRS abrirá turmas nos cursos de Ciência de Dados e Inteligência Artificial e de Relações Internacionais. Ambos com 60 vagas, os cursos oferecem uma proposta de estrutura curricular flexível. No panorama de globalização, o curso de Relações Internacionais já nasce com mais de 300 parcerias internacionais e oportunidades de mobilidade no exterior, oferecendo experiências de aprendizagem fora do país, desde o início do curso. “A pandemia acelerou o processo de internacionalização da universidade e, se tínhamos dúvidas se haveria algum grande empecilho, provou-se que é possível fazer esse avanço”, avalia Ana Benso.

20/11/2020 | Correio do Povo | Ensino | 12

Vestibular de verão 2020 no RS

(ver imagem)

- PUCRS
- Unisinos
- Feevale
- Unisc
- Univates
- Imed
- Ulbra
- Senac
- Anhanguera
- Unopar

20/11/2020 | Folha de S. Paulo | Política | 16

Primeira negra eleita deputada foi defensora da educação

https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/11/quem-foi-antonieta-de-barros-primeira-mulher-negra-eleita-deputada-no-pais.shtml

20/11/2020 | Jornal do Comércio | Geral | 21

Estudo aponta desigualdade racial no serviço público gaúcho

Os negros representam a maioria da população brasileira. São 56,1%, segundo o IBGE, reunindo o total de pretos e pardos. Apesar disso, poucos são os que ocupam cargos de liderança ou vagas de formação superior no serviço público. De acordo com um estudo realizado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) com associados do Sindicato dos Servidores de Nível Superior do Rio Grande do Sul (Sintergs), dos 366 entrevistados para a pesquisa, 5,7% (21 pessoas) se declaram como pardas, 3% (11 pessoas) como negras, e apenas uma, 0,3%, como indígena.

Os outros 91% dos entrevistados - 333 pessoas -, se declaram brancos. Para a diretora do Sindicato e médica veterinária da Secretaria Estadual da Agricultura, Angela Antunes, os dados mostram as desigualdades do setor público e a falta de diversidade. “A gente sabe das dificuldades de acesso de pessoas não brancas. Mas o que chamou a atenção mesmo foi saber que tem secretarias que não tem nenhum servidor negro com nível superior”, comentou. “Esse é um dado preocupante, que reflete a desigualdade social. Até encontramos funcionários negros, mas são, principalmente, terceirizados.

É como se as pessoas naturalizassem a situação", disse, referindo-se ao fato de a sociedade estar "acostumada" a não ter pretos e pardos em cargos de liderança. A semana da consciência negra - a data é celebrada nesta sexta-feira -, segundo Angela, reforça a necessidade do combate ao racismo e às desigualdades. Justamente por isso, a política de cotas é um tema tão defendido pelo Sintergs. "A questão das cotas é fundamental tanto na educação quanto no serviço público, pois faz com que o acesso seja mais democrático", explicou. O principal ponto para que se promova a diversidade nas instituições, conforme a diretora do Sintergs, é discutir as políticas públicas de inclusão, principalmente nesse cenário de concursos públicos. "Estamos vivendo uma política de descontinuação do serviço público, em que estados, municípios e a própria União tem feito menos concursos.

Precisamos ver a sociedade da forma que ela se mostra, desigual, e tentar reparar isso", garantiu. As cotas também são discutidas na magistratura. Neste ano, o grupo de trabalho sobre Igualdade Racial no Judiciário apresentou um relatório ao plenário do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com o objetivo de tornar o processo mais efetivo. Em 2015, o CNJ aprovou resolução que determinou a reserva de 20% das vagas nos concursos da magistratura para negros. Na época, a projeção era a de que o percentual de 22% de magistrados negros fosse alcançado em 2018. Porém, um novo estudo apresentado em julho apontou que serão necessários pelo menos 24 anos para que a taxa de equidade seja alcançada.

20/11/2020 | Momento | Geral | 7

Vem aí a 35a Feira do Livro

OSÓRIO – A partir da próxima segunda-feira (23), inicia a 35a edição da Feira do Livro. Em meio a pandemia causada pelo novo coronavírus, a Feira esse ano vai ocorrer de maneira diferente.

Com o tema 'Jovem, Literatura e Arte: entrelaçando caminhos de vida', a programação que segue até o dia 27 desse mês, ocorre todo de forma online.

Nesse ano a Patrona da Feira será Leda Saraiva Soares. Osoriense, Leda residiu em Tramandaí desde a juventude.

Professora, escritora, pesquisadora e historiadora da região Litoral Norte, ela é Licenciada em Língua Portuguesa e Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

É também uma das fundadoras e membro da Academia de Escritores do Litoral Norte. Leda também foi Membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Santo Antônio da Patrulha e Patrona da Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Médio 9 de Maio, de Imbé.

Além de ser Comendadora dos municípios de Tramandaí (1993) e Imbé (1993-1997). Pelo pioneirismo no resgate da história do litoral, em especial, dos Municípios de Imbé e Tramandaí, recebeu várias homenagens. Entre elas pose-se destacar: Homenagem especial do Legislativo de Tramandaí e Imbé; Patrona de Feiras de Livros dos municípios de Tramandaí (2003); Balneário Pinhal (2004) e Imbé (2005).

A escritora também integra a Galeria de Escritores da Biblioteca Pública Municipal de Imbé, Engenheiro José Baptista Pereira (2004). Já em 2019 foi homenageada na Assembleia Legislativa do Estado recebendo a Medalha do Mérito Farroupilha, honraria máxima concedida pelo Parlamento gaúcho. Casada com o cirurgião dentista Noel José Soares, Leda é mãe de cinco filhos e avó de onze netos. Uma dos principais nomes no assunto História do Litoral Norte, não é a toa, que Leda foi escolhida como Patrona da 35a edição da Feira do Livro da cidade.

HOMENAGEADOS
Na edição desse ano da Feira, alguns nomes vão ser homenageados.

São eles: as escritoras Gisele Frufrek e Jane Tutikian.

Além delas, quatros nomes também vão receber homenagens especiais, como é o caso de Agnes Schmeling pelo seu trabalho com

educação musical, Elaerte Leonardo por seus projetos sociais e Júlia Darol Dall'Alba na questão educação. Vale ressaltar que os três homenageados trabalham com adolescentes e jovens.

Para fechar, também vai ser homenageada Mailor Cristina Kingeski no quesito cultural. A seguir veja a programação completa da Feira do Livro:

18h e 30min - Abertura Oficial da 35ª Feira do Livro
de Osório;
19h e 30min – Roda de conversa. Patrona Leda
Saraiva Soares e Escritoras Homenageadas Giselle
Frufrek e Jane Tutikian. Mediação de Delalves Costa.
*Lançamento de Livros.

TERÇA-FEIRA (24/11)
10h – Vivências afetivas/pedagógicas das Escolas
em 2020;
11h - Passarinhando em casa: Atividade pedagógica
com observação de aves e Concurso de fotografias de
aves de jardim. Equipe: Guilherme Tavares Nunes
(Coord.), Júlia Jacoby de Souza, Millena Barreto Hoffmann, Lucas Antônio Morates (Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte - UFRGS
Litoral);
14h – Vivências afetivas/pedagógicas das Escolas
em 2020;
15h – Espetáculo Teatral: "Por isso cuidado meu
bem há perigo na esquina". Classificação 16 anos.
Grupo Teatral de Oficinas da Cultura. Direção: Jeferson Hertzog;
16h – Leituras obrigatórias para vestibular da UFRGS.
Equipe do projeto Letras na Rede. Mediação de
Ronaldo Waschburger. Programa UFRGS Litoral Perto
de Você! (Projeto Letras na Rede);
*18h – Saraucoteando. Ilana Lehn, Marisabel Leh e
Gabriel Fernandes com Participação de do músico Cris
Howes;
19h – Roda de conversa: "Alegrias e Contratempos
na Convivência com Jovens", com as Homenageadas
Especiais: Agnes Schmeling, Elaerte Souza Silva Leonardo,
Julia Darol Dall'Alba e Mailor Cristina Kingeski.
Mediação: Adriana Sperandir. (Live);
20h e 30min – Quem canta seus males espanta
(Educa Hoje);
QUARTA-FEIRA (25/11)
10h – Contação de histórias: "Onde está a comida do
coelhinho" com Silvana Corrêa, Escritora e Contadora
de História;
11h – "Recicloteca Carolina de Jesus", com Samuel
dos Santos e Leonardo do Prado Rodrigues (Coletivo
Negro e Indígena UFRGS Litoral);
14h - Vivências afetivas/pedagógicas das Escolas
em 2020. SME. Ensino Fundamental.
15h – "Livros, filmes e monstros: o gótico na literatura
e no cinema", com Dudlei Floriano de Oliveira
(Instituto Federal do RS, Campus Osório - IFRS Osório);

817h- Roda de Conversa: A importância dos jovens conhecerem a história do povoamento do Litoral Norte e Região, com Escritores e Pesquisadores Lauro Cunha e Vera Maciel Barroso. Mediação: Cristina Maria de Oliveira.
*Lançamento de Livros.
17h e 50min às 19h - Let's Talk About Science! Tema: On the Origin of Species (book): Charles Darwin, 1859. Evento para prática da conversação em inglês. Ouvintes também são bem-vindos!;
19h - Jovens Empreendedoras (Associação Educa Hoje);
*21h - Espetáculo Florir em Terra Árida - Grupo Teatral Nó Cego - Comemoração dos 20 anos de teatro da atriz Morgana Rosa
QUINTA-FEIRA (26/11)
10h - Mágicas Fascinantes com Bruno Mariotti;
14h - Vivências afetivas/pedagógicas das Escolas em 2020;
15h – Roda de Conversa: Autores e colaboradores do Livro "Risco e vulnerabilidade ambiental: métodos e experiências", Salvador Carpi Junior (Universidade da Campanha - Unicamp) e Ricardo de Sampaio Dagnino (UFRGS);
16h – Leia o livro, veja o filme, repense o mundo, "O ódio que você semeia". Rosane Vargas, Sinthia Cristina Batista, Nina Gabriela Muller Lopes. Mediação Zuleika Branco e Ananda Feix. UFRGS Litoral;
*17h e 30min – Roda de conversas: Mulheres na literatura com Cristina Rolim Wolffenbütel (UERGS/ PPGED) e Luciane Senna Ferreira (IFRS Campus Osório). Mediação: Julia Darol Dall'Alba;
19h - Sarau Literatura & Arte. Academia de Escritores do Litoral Norte Gaúcho (AELN).
SEXTA-FEIRA (27/11)
10h – Roda de Leituras. Participação especial: Rodrigo Munari;
14h às 16h – Contos de inclusão e multiletramento com Maria Cristina Schefer e Veronice Camargo Silva (UERGS/PPGED). Público alvo: Professores da Educação Infantil e Ensina Fundamental e Estudantes de Licenciaturas;
16h e 30min – "Falando sobre Gênero e Ciência", com Estudantes da UFRGS Litoral: Larissa Ananda Hansen, Luisa Crauss de Araujo, Paula Rolin Schmitz. Mediadora: Aline Cristiane Pan;
17h e 30min – Fechamento da atividade "Passarinhando em Casa". Coord. Guilherme Nunes (UFRGS Litoral);
*18h e 30min- Premiação Minicontos da Quarentena. Homenagem especial à Silma Borges Terra (In Memoriam). Primeiro lugar no concurso literário. (Live);
19h – "Diálogo entre Literatura e a História local",

com Anderson Alves e Rodrigo Trespach. (Live);
20h – Solenidade de Encerramento;
21h – João, Maria e o Desconhecido Mundo lá Fora
(Classificação 16 anos). Grupo Teatral 1º A.T.O. Direção:
Jeferson Hertzog.
Para participar da Feira acesse a Página oficial
do evento ou a página da prefeitura municipal
(ambas no Facebook). Mais informações pelo telefone
(51) 3601 2179.
*Lançamento de Livros.

20/11/2020 | Serra Nossa | Geral | 8

A sintonia da carroça

Eu já disse aqui que eu tenho a sorte de ter os bons sempre perto de mim. Perto, diga-se, mesmo de longe, na mesma sintonia. E é essa sintonia que nos faz perto! Não é novidade aqui que eu sou um fã incondicional do professor, advogado e amigo Dr. Jader Marques.

Pois bem, mais uma vez, nesta semana que eu já havia começado a tratar sobre o silêncio e o barulho da carroça vazia, na última quarta-feira, em mais uma edição do imperdível "Trem das Onze", da "Escola de Criminalistas", o professor Jader falava sobre a importância de saber ouvir, bem como quão vazio pode ser o intenso, que fala sobre tudo e, às vezes, não reflete sobre nada, fazendo – e isso é uma conclusão minha –, ao final, seu discurso parecer vazio. E isso me levou a mais uma conversa com a querida Dra. Viviane Weirich, com quem tenho trocado as maiores experiências filosóficas possíveis nos últimos tempos, e que também já vinha refletindo sobre o assunto.

Eis as nossas reflexões, para que vocês compartilhem-nas conosco. Pois bem, quem nunca ouviu aquela máxima de que "quanto mais vazia a carroça, mais barulho ela faz"?

É uma analogia extremamente rica da sociedade atual, o espelho perfeito do "colunista" de rede social; do inoportuno que fala alto e interrompe as pessoas; aquele que acaba com almoços de família; que entende de qualquer assunto, que opina sobre tudo e tem uma crítica formada até sobre o que nunca leu; ou seja, o idiota de plantão. Via de regra é assim! Indivíduos que sabem de tudo, que fazem mais do que todos e que estão, em verdade, externando uma carência de atenção, de acolhimento, de carinho.

São pessoas com uma necessidade absurda de ter sempre alguém concordando com elas e que, muito dificilmente, sabem escutar. Elas querem, exclusivamente, ser ouvidas. Geralmente, esse tipo de pessoa coincide com aquele que é deveras muito atarefado, que nunca tem tempo e que, via de regra, rejeita interesses de outrem, aquele que não vê nada além do próprio umbigo.

Todos podemos nos tornar "carroças vazias" quando não a/nos enchemos do que é essencial. E carroças vazias, por sua inutilidade, em algum momento, acabam jogadas em um canto, apodrecendo, enquanto outras fazem o que precisa ser feito. Não é porque sabemos argumentar que devemos fazê-lo.

Ou porque sabemos algo sobre aquele assunto que devemos sair falando. E falando o tempo inteiro. E falando no lugar e na vez do outro. E falando como se fôssemos os donos da verdade! Não raras vezes o nosso silêncio diz muito mais do que as nossas palavras. Aliás, até o tolo, quando em silêncio, passa por sábio. Excelente semana a todos, sem muito barulho. Até a próxima!

Thiago Galvan - Atualidades
Advogado (OAB/RS 64.762) | Especialista em Direito Público e em
Direito Penal e Criminologia, ambas pela PUCRS. Diretor Jurídico
da ASCORI. Diretor da AGADIE para o Biênio 2020/2022. Membro da
Comissão Estadual de Direito Imobiliário.
Contato: thiago.galvan@terra.com.br.

20/11/2020 | Zero Hora | Obituário | 32

Emilce Mota Jaeger

A professora estadual aposentada Emilce Mota Jaeger morreu na madrugada do último domingo em Santo Ângelo. Segundo a família, Emilce, que completaria 86 anos ontem, faleceu de causas naturais, em sua residência, onde vinha recebendo assistência de cuidadoras, médicos, enfermeiros e familiares.

Nascida em 19 de novembro de 1934, em Alegrete, filha de João Guedes da Mota e de Joaquina Falcão da Mota, foi a penúltima dos 11 filhos do casal. Ingressou no magistério estadual em 1954, em Alegrete, após cursar a faculdade de Geografia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre.

Casou-se, em 1963, com Augusto Jaeger, com quem foi morar em Santo Ângelo. Com Augusto teve uma união de 40 anos, até que ficou viúva em 2003.

Dedicou toda a sua vida ao magistério estadual e universitário. Segundo seus familiares, teve uma intensa atividade familiar, profissional e social em Santo Ângelo. Desenvolveu um vasto círculo de amizades, participou de inúmeras associações beneficentes e viajou por todos os continentes.

Pode se dizer que foi uma mulher que teve uma existência à frente do seu tempo, plena de alegrias, tendo feito, durante a sua vida, tudo o que bem quis, segundo relato do seu único filho Augusto Jaeger Junior, professor universitário em Porto Alegre.

Em 2018, em Porto Alegre, nasceu o seu neto Antônio Augusto. Além do filho e do neto, deixa também a nora Josiane. Em 2019, ainda participou das festividades do primeiro aniversário do menino. De lá para cá, agravaram- se os seus problemas de saúde em razão da idade.

Segmento: Interesse

20/11/2020 | Cidade | Educação | 8

Autorizações e reconhecimentos de cursos registram recordes em outubro

A Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior (Seres) do Ministério da Educação (MEC) promoveu uma videoconferência com entidades representativas da educação superior do país, na última sexta-feira, 13/11. O objetivo do encontro foi apresentar o trabalho desenvolvido pela nova gestão da Seres nos últimos dois meses e anunciar as próximas medidas para a redução do estoque de processos em trâmite no sistema e-MEC. Na abertura da reunião, o secretário de Regulação e Supervisão da Educação Superior do MEC, Danilo Dupas, agradeceu a participação das entidades na reunião e reiterou o compromisso de estabelecer um grande diálogo com todos. “O foco precisa ser a qualidade da educação superior, e não apenas a quantidade”, defendeu.

Na ocasião, foram divulgados os resultados da Seres no ano de 2020. O destaque ficou para o mês de outubro, em que foram publicadas 259 autorizações de cursos e 211 reconhecimentos de cursos, um recorde em comparação aos últimos dois anos. O diretor de Política Regulatória, Márcio Coelho, anunciou as medidas para a redução do estoque de processos em trâmite, como a possibilidade de publicar uma portaria para manifestação de interesse das instituições de ensino superior em processos anteriores a 2017, e para regularização dos atos vencidos, sejam eles institucionais ou de cursos. Segundo o diretor, essas ações possibilitarão uma redução de 38% dos processos em estoque na Seres.

20/11/2020 | Correio do Povo | Ensino | 14

Agenda do vestibular

Feevale: A Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, inscreve ao vestibular de verão, na modalidade presencial (way.feevale.br) e no processo seletivo para a graduação digital (digital.feevale.br). Os candidatos estão isentos do pagamento da taxa de inscrição. É possível, também, usar a nota do Enem, entre os anos 2017 e 2019. Dados: www.feevale.br.

20/11/2020 | Correio do Povo | Ensino | 14

Agenda do vestibular III

Unisinos: Com campus em São Leopoldo e Porto Alegre, a Unisinos inscreve ao seu vestibular 2021/1, em: www.unisinos.br/graduacao. São mais de 70 opções de cursos, divididos em três modalidades: Presencial, EAD e Híbrido.

20/11/2020 | Diário de Canoas | Comunidade | 18

Sinosbyte cresce 60% em 2020

Em janeiro, a Sinosbyte inaugurou sua nova sede no Parque Tecnológico de São Leopoldo (Tecnosinos). De lá para cá, a empresa que atua como integradora de soluções para SAP vê um crescimento robusto. No primeiro semestre de 2020, o aumento no volume de negócios, tanto de clientes atuais quanto novos, foi de 60% na comparação com o mesmo período de 2019. E o segundo semestre deve terminar no mesmo ritmo.

20/11/2020 | Diário de Canoas | Comunidade | 18

Growdev lança curso gratuito...

A Growdev, start-up instalada no Feevale Techpark, lançou o Codaí, uma iniciativa em parceria com o Seprorgs e Umbler, com o intuito de estimular o interesse de jovens e adultos a ingressarem na área de desenvolvimento de software. On-line e gratuito, o curso tem como objetivo apresentar as oportunidades do mercado de tecnologia e dar uma introdução ao desenvolvimento de aplicações para web.

20/11/2020 | Diário de Canoas | Comunidade | 18

Incubadas aqui

Na edição deste ano do ranking 100 Open Startups, a região foi muito bem representada. Além da hamburguense Sirros IoT, quatro start-ups incubadas no Feevale Techpark se destacaram na plataforma internacional que tem como objetivo dar visibilidade para as start-ups selecionadas pelo mercado. São elas: Trashin, Pix Mídia, Price Survey e Alexxo. A Trashin também ficou em 2º lugar no ranking Top 10, categoria CleanTechs. A Pix Mídia ficou em 3º lugar na categoria HRTechs. Já a Price Survey ficou em 5º lugar na categoria RetailTechs. E a Alexxo em 9º lugar na categoria EnergyTechs. A diretora de Inovação da Universidade Feevale, Daiana de Leonço Monzon, diz que é gratificante ver start-ups do parque se destacando neste ranking.

20/11/2020 | Gazeta do Sul | Geral | 4

Último workshop do ano será na terça

O Projeto Gerir – Workshops de Gestão Organizacional, iniciativa da Gazeta Grupo de Comunicações, terá a sua quarta e última edição de 2020 na próxima terça-feira, a partir das 19 horas. Ao longo deste ano realizada em plataforma virtual, em virtude do distanciamento social provocado pela pandemia, a ação busca reunir lideranças e autoridades para debater, analisar e discutir temas da atualidade, que possam contribuir para o fortalecimento das atividades socieconômicas e o desenvolvimento regional em todas as áreas.

A última edição está centrada no tema "O presente sintonizado com o futuro: as inovações que a pandemia acelerou e o cenário para o futuro na Saúde, na Educação, no Comércio e nas Comunicações". A promoção é da Gazeta, e o patrocínio é de Associação das Entidades Empresariais de Santa Cruz do Sul (Unisc), Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo e Universidade de Santa Cruz do Sul. Em razão da parceria ao longo de todo o projeto, bem como pela relevância dos três setores (saúde, educação e comércio), as três instituições patrocinadoras são as convidadas para detalhar e salientar as inovações em curso em seus setores.

Os painelistas do quarto workshop são: Rosilene Biveu Doehl Knebel, superintendente executiva da Unimed VTRP; Rafael Henn, vice-reitor da Unisc; e Eduardo Kroth, presidente da Assemp. Em suas explanações, eles descortinarão um olhar sobre as medidas adotadas e em curso em seus segmentos, e as perspectivas para o próximo ano. A mediação será do jornalista e comunicador Leandro Siqueira, gerente executivo de Rádios da Gazeta Grupo de Comunicações. O Gerir será transmitido ao vivo em vídeo pelo Portal Gaz e no Facebook do portal, bem como pela Rádio Gazeta FM 107,9. Posteriormente, na próxima semana, um suplemento especial na Gazeta do Sul trará os principais pontos de vista e as opiniões dos três painelistas.

20/11/2020 | Gazeta do Sul | Geral | 9

Cobertura contra poliomielite ainda é baixa

A campanha de vacinação contra a poliomielite segue até amanhã em todo o Rio Grande do Sul. Na mesma data, será realizado o segundo "Dia D" de mobilização, quando as unidades de saúde abrirão exclusivamente para facilitar o acesso dos pais ou responsáveis à imunização de seus filhos. Apesar da prorrogação do prazo da campanha, que encerraria no dia de 30 de outubro, a baixa cobertura vacinal reacende o sinal de alerta. Até a tarde de ontem, a 13ª Coordenadoria Regional de Saúde (13ª CRS) havia imunizado 11.211 das 14.971 crianças com idades entre 1 ano e menos de 5 anos, o que representa 74,88% da meta estipulada, que é de 95% do público-alvo.

Dos 13 municípios de abrangência, apenas dois atingiram o percentual – Vera Cruz (97,07%) e Mato Leitão (105,09%). Candelária se mantém como um dos municípios com menor percentual (53,85%). Em paralelo à imunização contra a pólio ocorre a campanha de multivacinação, que tem o objetivo de atualizar a caderneta de crianças e adolescentes até 15 anos. Em Santa Cruz do Sul, das 5.531 crianças que devem se imunizar, 4.553 já receberam a dose, o que representa 82,81%. Contudo, o número ainda segue abaixo do esperado, como explica o coordenador do setor de Imunizações da Secretaria Municipal de Saúde, enfermeiro Roger Rodrigues Peres.

Para ele, a pouca adesão está relacionada a diversos fatores. "Não sabemos os motivos. Pode ser o medo de contrair coronavírus ou a falta de acesso. No entanto, fazemos um chamamento aos pais para protegerem seu filhos, porque esta dose é um reforço para diminuir o risco de importação do vírus, já que há surtos no exterior, em países como Iraque e Afeganistão", destaca. Ele alerta que a apresentação da caderneta de vacinação e do cartão SUS é imprescindível. De acordo com Peres, praticamente todas as unidades de saúde estarão abertas amanhã.

Apenas no Serviço Integrado de Saúde (SIS) da Unisc e na ESF Linha Monte Alverne não haverá atendimento. As demais unidades funcionarão entre 8 horas e 14 horas. Após a extinção da sala de vacinação no novo prédio do Centro Materno Infantil (Cemai), a aplicação acontece no Ambulatório Central, localizado Rua Ernesto Alves, ao lado do INSS.

20/11/2020 | Gazeta do Sul | Especial | 12

Por que a representatividade negra importa

O ideal seria que conteúdos como este não precisassem mais ser escritos. No entanto, pautas como essas ainda são necessárias nos dias atuais e ganham mais destaque no mês da Consciência Negra. A data – 20 de novembro – reforça a conscientização quanto ao racismo estrutural persistente no Brasil e no mundo, e que ainda faz com que negros sejam desfavorecidos nas mais diversas categorias. Tente lembrar quantas pessoas negras trabalham com você ou quantas delas ocupam cargos de chefia. Se você teve acesso ao ensino superior, tente lembrar quantos professores ou alunos negros já passaram pela sua classe. Segundo o IBGE, 56% da população brasileira é constituída por negros e pardos. Ainda assim, a impossibilidade de ascensão profissional é notória e a ausência dessas pessoas em posições de destaque é contraditória se comparada ao número de afrodescendentes. Então, onde elas estão? A pesquisadora Camila Francisca da Rosa, professora, graduada em História e doutoranda em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), explica que o racismo estrutural no Brasil, somado à histórica característica de democracia racial, faz com que a sociedade não se reconheça como racista. “As pessoas têm receio em falar sobre o tema ou, simplesmente, negam a sua existência. Quando se trata de racismo estrutural, precisamos direcionar o olhar para as relações sociais como a política, as questões econômicas, jurídicas, de saúde e educacionais. Dessa forma, percebemos como as instituições são construídas e, em consequência, como nós também somos afetados e reproduzimos práticas racistas no cotidiano.” Segundo o IBGE, negros ainda são minoria nos cargos de chefia – as funções de gerência são ocupadas por pessoas brancas em quase 70% dos casos. Também são mais vulneráveis à violência. A taxa de homicídios de negros ou pardos é quase três vezes maior que a de brancos. São 43 mortes a cada 100 mil habitantes na população negra, e 15 mortes para cada 100 mil habitantes na população branca.

É hora desse debate

A pesquisadora Camila da Rosa, integrante da ONG Alphorria, de Venâncio Aires, destaca a importância de intensificar, no mês da Consciência Negra, o discurso antirracista e o trabalho de grupos, movimentos sociais e culturais, além das pesquisas acadêmicas. Para ela, trata-se de reivindicar a história, a cultura e as experiências da negritude em Santa Cruz do Sul, para que sejam mensuradas, pensadas e ocupem as pautas do debate público, político e educacional. Camila lembra que a região Sul foi maciçamente povoada por imigrantes vindos da Europa.

No caso de Santa Cruz do Sul, particularmente, pelos alemães a partir de 1849. Ela explica que, embora os imigrantes fossem proibidos de ter escravos, pesquisas sobre escravidão em locais de colonização alemã e italiana apontam para a presença de escravizados. Ainda segundo Camila, quando Santa Cruz elege o germanismo como identidade, exclui outros grupos na sua formação e, logo, na sua estrutura.

“Isso vai repercutir na construção do histórico da cidade, na escolha dos símbolos oficiais, na organização da espacialidade. É uma narrativa que colabora para a manutenção de espaços muito bem estabelecidos entre brancos e não brancos, e que é um espaço desigual”, ressalta.

Falta de pertencimento

Marta Nunes nasceu na zona periférica de Santa Cruz do Sul, no Bairro Bom Jesus. Negra, é formada em Química Industrial pela Unisc e pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A busca por conhecimento levou-a ao mestrado na UFSM e ao doutorado em Química Orgânica na Universidade de São Paulo, e a dois pós-doutorados, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Universidade da Califórnia, em Davis. Militante e engajada nas causas raciais, Marta, que é docente universitária há quase 15 anos e hoje professora adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), afirma que as pessoas estão acostumadas a pensar no racismo como injúria racial ou agressões motivadas pela cor.

“Hoje em dia se discute cada vez mais a questão do racismo estrutural, o que é extremamente importante para entender como a racialização da nossa sociedade e como quase 350 anos de escravidão no Brasil nos fizeram chegar aos dias de hoje, quando a maior parte da população negra se encontra nos piores índices socioeconômicos e educativos”, comenta. O mundo é protagonizado por pessoas brancas e isso ocorre desde a infância. Há poucas bonecas e brinquedos voltados à cultura negra, e praticamente não existem desenhos animados estrelados por personagens negros. As crianças que viveram a infância na década de 1990, ou um pouco antes, cresceram idealizando imagens representadas por Xuxa e Angélica.

Não havia referência de moda ou de como cuidar dos cabelos, tampouco maquiagem para peles negras. Algumas mudanças, é claro, estão acontecendo. “Ainda não vemos negras e negros ocupando espaços de destaque na mesma proporção em que estão na sociedade brasileira, mas já é possível nos ver e nos ler em vários locais: livros, filmes, artigos, palestras e indivíduos”, afirma. No

entanto, o processo de representatividade ainda é longo. “Eu nasci e cresci em uma cidade com um hino explicitamente racista e padrões inalcançáveis para qualquer indivíduo branco, imagina para negras e negros.

O fenômeno da invisibilização histórica sempre esteve combinado com tratamentos desqualificantes, referências pejorativas ou explicitamente racistas”, salienta a pós-doutoranda. Ela ressalta que, embora Santa Cruz do Sul seja conhecida como um polo da cultura germânica, conta com várias personalidades negras que se destacam, ou por seus cargos, ou por suas trajetórias. A Gazeta do Sul elencou alguns exemplos. Confira ao lado

ELES REPRESENTAM

Thaís Silveira

Jornalista, especialista em História e Cultura Afro-brasileira, mestranda em Ciências Sociais, Thaís Silveira nasceu e cresceu em Santa Cruz do Sul. Os pais faziam parte da Sociedade Beneficente União, e o vínculo com o ambiente foi importante para que entendesse a sua identidade como mulher negra de Santa Cruz do Sul. Após um episódio de racismo na cidade, Thaís se mudou para Porto Alegre. Trabalhou em uma emissora de TV e desde 2013 atua em projetos de consultoria e assessoria, ministra palestras e organiza eventos voltados para o empoderamento da mulher negra. Em 2017 fundou a Revista Pretas. Atuou como professora no MBA em Diversidade nas Organizações e Desenvolvimento de Práticas Inclusivas, da Universidade La Salle, em Canoas. Em viagem à África do Sul, Thaís ampliou o conhecimento sobre sua ancestralidade. Atualmente é mestranda em Ciências Sociais, com área de concentração em políticas e práticas sociais pela Universidade do Vale do Sinos.

Marta Nunes

Professora há quase 15 anos, Marta Nunes atualmente leciona na Uergs. Tem duas graduações em Química, pela Unisc (bacharel) e pela UFSM (licenciatura). Cursou mestrado (UFSM) e doutorado (USP) em Química Orgânica e tem um pós-doutorado na Ufrgs e outro na Universidade da Califórnia. Trabalhou em diversos segmentos desde que era adolescente: diarista, auxiliar de produção, técnica de laboratório, técnica de nível superior na Prefeitura de Santa Maria e consultora para um órgão da ONU. Como professora, lecionou na UCS e Unicruz. “Durante boa parte da infância me perguntei por que, eu sendo negra, havia nascido em um município que se reafirma o tempo todo como ‘europeu’. Todos aqueles indivíduos que não fossem de origem alemã eram considerados os outros, chamados de ‘brasileiros’, caso fossem brancos, ou de Schwartz (preto em alemão), de forma cruel e pejorativa. Com referenciais de tudo que é bom e belo absurdamente distantes de mim, cresci acreditando que não era bonita, que não era inteligente e que eu passaria o resto da minha vida servindo aos privilegiados”, afirma.

Rodrigo de Almeida

Agente da cultura urbana, o santacruzense Rodrigo de Almeida, de 31 anos, empreendedor social negro independente, trabalha com grafitti há mais de dez anos. Como artista plástico, descobriu-se ainda criança, por meio da paixão pelo desenho. Digo, como é popularmente conhecido, foi aluno do Curso de Artes Plásticas da Unisc – Uniarte, em 2008 e 2009. Deu continuidade aos estudos fazendo aulas no Ateliê da Eliana Baumhardt, no Espaço Camarim, nos anos de 2011 e 2012. Nascido no Bairro Senai, o artista dança desde os 10 anos. Em sua trajetória, passou também pela dança de salão, até encontrar seu caminho no popping. Em 2014 foi o representante do Brasil na França, na modalidade popping, em um dos maiores eventos de danças urbanas do mundo, o Juste Debout. Atualmente desenvolve trabalhos como arte-educador por meio da Secretaria Municipal de Políticas Públicas, oficinas de dança e consciência da cultura Hip Hop. Além disso, Digo é fundador do Ateliê Vivências Urbanas (AVU), um espaço físico e cultural de dialéticas periféricas e negras, criado por ele para servir de refúgio, aquilombamento e incubadora social para jovens de periferia que buscam independência social, pertencimento e expressão, por meio da arte e da cultura Hip Hop.

Paulo Soares do Nascimento

Recentemente aposentado, o tenente-coronel Paulo Fernando Soares do Nascimento, de 56 anos, atuou na Brigada Militar por 35 anos. Nascido em Porto Alegre, é um dos quatro filhos de Gentil e Alice do Nascimento. Ele conta que o pai foi a inspiração para os estudos. “Seguindo as instruções de meu pai, que era servente de obras, me dediquei a estudar, justamente para não ser mais uma pessoa buscando o seu espaço por meio de serviço braçal. Foi isso que me motivou. Estudei e consegui alcançar os meus objetivos”, conta. Nascimento entrou primeiramente para o Exército e depois ingressou na Brigada, em 1985, como alunosoldado. Foi declarado

aspirante em 1994. Em 97 passou a comandar o pelotão de Arroio do Tigre, onde ficou por dez anos. Ao longo da carreira, esteve à fente dos três batalhões que compõem o Comando Regional de Polícia Ostensiva (CRPO) do Vale do Rio Pardo, em Cachoeira do Sul, Santa Cruz do Sul e Rio Pardo. Em 2011 foi promovido a major. O último cargo ocupado pelo tenente-coronel Nascimento, antes de se aposentar, foi o de chefe do estado-maior no CRPO.

Lair Ipê da Silva

O santa-cruzense Lair Ipê da Silva, de 67 anos, o Laia do Banrisul, como é carinhosamente conhecido, não tem certeza, mas acredita ter sido o único gerente bancário negro da história de Santa Cruz. Laia estudou na Escola Municipal Bruno Agnes até a 4a série e depois foi para o Colégio Marista São Luís. Conta que não sabe como o pai conseguiu matriculá-lo em escola particular. De acordo com ele, o colégio foi o responsável pelo emprego de muitos anos no Banco do Estado Rio Grande do Sul. “O Banrisul, quando precisava de alguém, pedia indicações de pessoas que haviam se destacado de alguma forma no Marista”, conta. Laia concluiu o curso superior de Ciências Contábeis e pós-graduação em Controladoria. Foi o primeiro presidente negro do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Contábeis de Santa Cruz do Sul (Faccosul). Sua trajetória foi marcada por muito carisma e engajamento com música, esporte, atividades religiosas, além da participação ativa nos clubes sociais da cidade. Sempre que pode, Laia visita o filho Lair Ipê da Silva Júnior, que mora em Nova York e trabalha na Ipan Technology, locada dentro da Google.

Resquícios da escravidão: a hipersexualização da mulher negra

A imigração de alemães e italianos para o Sul do Brasil alimenta até hoje a imagem de um Rio Grande do Sul com ar europeu, com pessoas de determinadas características predominantes, como pele branca, cabelos claros, olhos azuis ou verdes. Santa Cruz do Sul é um dos principais núcleos da colonização alemã no Estado. No entanto, com o passar dos anos, a chegada de diferentes etnia e culturas fez com que a cidade passasse por transformações e se tornasse um lugar miscigenado.

Os traços da predominância antiga, contudo, ainda marcam a vida de diversas pessoas que lutam por igualdade dentro do município. As mulheres negras, por exemplo, com o surgimento de grupos, associações e movimentos sociais de apoio e conscientização, têm se posicionado cada vez mais na luta por direitos, espaço, reconhecimento, valorização e contra o racismo. A luta contra o racismo de forma ampla faz parte do cotidiano de Marta Nunes, mas, sobretudo, ela ergue a bandeira da militância pelos direitos das mulheres negras. “Acredito no poder transformador da educação e almejo inspirar as mulheres negras por todo o mundo”, enfatiza.

Segundo a pós-doutora, que palestra sobre o tema por todo o Brasil, a cultura escravocrata carrega estereótipos que atingem essas mulheres, as quais acabam sendo associadas ao trabalho braçal e vistas apenas como objetos de desejo masculino. “São construções sociais que precisam ser desfeitas, pois perseguem as afrodescendentes a vida inteira”, explica. O Brasil viveu mais de 300 anos de regime escravista. Homens, mulheres e crianças eram sequestrados de várias regiões da África e trazidos para cá, a fim de perpetuar o sistema de exploração. As africanas eram violentamente humilhadas, exploradas e tiveram sua sexualidade abusada.

Eram forçadas a trabalhar para garantir o conforto das mulheres brancas portuguesas. Conforme explica Marta, as escravizadas também serviam sexualmente ao seu senhor. Consideradas como propriedade, cabia às escravas o uso que fosse conveniente aos senhores de engenho e seus filhos, inclusive o de serem estupradas para satisfazer impulsos sexuais. De acordo com Marta, a hipersexualização da mulher negra é fruto desse sistema exploratório. Trata-se de uma herança da escravidão somada à herança genética, em virtude das formas físicas avantajadas, como busto e quadril, além dos traços marcantes, como a boca. Ela explica ainda que foi criado um ideal de relacionamento: um modelo ideal do que seria uma mulher para casamento, perfil esse no qual as mulheres negras não se encaixam. “As heranças escravistas deixaram marcas tão densas quanto as marcas de ferro nos seus corpos, que as identificavam com as iniciais dos nomes da família às quais pertenciam”, observa.

Ascensão que rompe a estrutura

Para a pesquisadora Camila Francisca da Rosa, a ascensão de afrodescendentes na ocupação de espaços diversos exige o rompimento de uma estrutura social racista. “Implica a quebra de padrões, de imagens, de discursos, de práticas e com um ordenamento social de privilégio. Desconstrói estereótipos ainda vinculados ao racismo científico do século 19, que acreditava em raças, biologicamente falando, diferentes e que eram divididas entre superiores e inferiores ou culturalmente entre civilizados e selvagens”, explica. Camila salienta que representatividade implica a reformulação daquilo que é “natural”. “Uso o simples exemplo das princesas da Disney, que são brancas e loiras, e as crianças negras e brancas entendem que isso é o padrão de beleza.”

De acordo com ela, ler uma história com personagens negros, colocar crianças e jovens diante de representatividades negras, vai produzir outras experiências – logo, produz uma relação positiva diante de identidades que são diferentes. A emergência da temática racial e da luta antirracista, pensando no tempo histórico, é muito recente. Por isso, ainda é tão difícil ter pessoas negras em lugares diversos, ou mesmo em espaços de destaque e liderança. Camila acredita que a sociedade vivencia um processo de luta pelo protagonismo negro, que ora parece ser lento, ora parece regredir, mas está em andamento e já produz efeitos.

20/11/2020 | Gazeta do Sul | Esportes | 23

Última etapa ocorrerá em Santa Cruz

Competição acontece de 18 a 20 de dezembro, nas quadras do Tênis Clube, que completou 110 anos de fundação em janeiro

A etapa decisiva do Super Tênis RS já tem data e local definidos. O 7º Aberto de Tênis de Santa Cruz receberá a quinta e última etapa da competição neste ano, de 18 a 20 de dezembro, no Tênis Clube Santa Cruz. Momento importante de definições no torneio e que também marcará o aniversário de 110 anos do clube, completados em janeiro. Apresentado por Frontec e Água Cristal da Terra, o Super Tênis é disputado nas categorias Seniores, Classes e Infantojuvenil. As inscrições continuam abertas pelo site da Federação Gaúcha de Tênis (www.fgtenis. com.br) até 14 de dezembro. “Estamos muito felizes e ansiosos em receber esse grande evento. Também vamos celebrar nossos 110 anos. Apesar deste momento difícil, estaremos atentos a todos os protocolos de segurança.

Os atletas que vierem podem ficar tranquilos, pois vamos proporcionar uma estrutura adequada para que todos se sintam bem e acolhidos. Que os tenistas do Rio Grande do Sul e inclusive os que virão de outros Estados se sintam bem e façam grandes duelos. Quem vai ganhar com isso tudo é o nosso tênis, uma modalidade que a gente adora e cresce a cada dia em Santa Cruz do Sul”, afirmou o presidente do Tênis Clube, Eleno Hausmann. Até o momento, já foram disputadas três etapas do torneio em quadras de clubes gaúchos.

Neste fim de semana, Carazinho vai receber a quarta e penúltima etapa, que encaminha e acirra ainda mais a disputa do ranking para o Aberto de Tênis de Santa Cruz, que decretará o fim do calendário 2020 das competições da FGT no Rio Grande do Sul. Oficializado pela Federação Gaúcha, o Super Tênis é uma promoção da Associação Leopoldense de Esporte e Cultura (Alec), com patrocínio local da Belfactus Seguros e apoio da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), além dos clubes-sedes das etapas. A competição tem financiamento do governo do Estado, por meio da Lei de Incentivo e Fundo – PróEsporte RS, da Secretaria do Esporte e Lazer.

20/11/2020 | Jornal NH | ABC | 3

Fisioterapia da Feevale terá live

O curso de Fisioterapia da Universidade Feevale promove no próximo dia 27, às 19 horas, a live Fisioterapia laboral em Portugal. A trajetória de uma fisioterapeuta gaúcha. A transmissão contará com a participação de Carolina Prüfer, fisioterapeuta formada pela Feevale e mestranda em Portugal. Gratuita, pode ser acessada em www.feev.as/fisioterapeutaspelomundo.

20/11/2020 | Jornal NH | Comunidade | 8

A primeira década do estatuto

No dia da consciência negra, pesquisadores analisam avanços e desafios do Estatuto da Igualdade Racial, que completou dez anos em 2020

Há dez anos, o hamburguense Jéferson Luís Staudt, 34 anos, nem imaginava que estaria onde está hoje. “Eu tinha muito interesse em entrar na universidade, mas não me via naquele espaço”, diz, sobre o seu pensamento naquela época.

Agora, é com orgulho que conta sobre as formações como professor de Educação Física, mestre e doutorando em Processos e Manifestações Culturais, todos pela Universidade Feevale. O Jéferson dos idos de 2010 olharia para o Jéferson de 2020 e abriria um

largo sorriso. Mas ele destaca que não se trata apenas de resultados alcançados em virtude do próprio esforço, da velha fala de que “quem quer, consegue”.

Por isso, o hamburguense começa descartando o discurso da meritocracia. “Uma trajetória individual não pode alicerçar essa ideia, que coopera para a manutenção da desigualdade racial e joga a culpa do fracasso no próprio indivíduo”, frisa. Ou seja, Jéferson sabe que por mais que seja um estudante dedicado, é muito provável que sem as políticas afirmativas voltadas para a população negra, ele não teria chegando onde chegou.

Estatuto

Muito do que já conquistou está relacionado com o que aparenta ser apenas mais teoria, mais informações colocadas no papel – um conjunto de artigos e normas. Mas a representatividade do Estatuto da Igualdade Racial, que completou sua primeira década em julho deste ano, é muito maior do que isso. Neste 20 de novembro, dia da consciência negra, o momento é de pensar o quanto já se evoluiu nesta caminhada, mas, sobretudo, os desafios que vêm pela frente.

A primeira vitória

Instituída em julho de 2010, a legislação dispõe sobre os direitos à saúde, educação, cultura, esporte, lazer, liberdade de crença e livre exercício dos cultos religiosos, acesso à terra, moradia adequada e ao trabalho da população negra. São 65 artigos que têm como objetivo garantir equidade nas oportunidades. Para a doutora em Antropologia Social e professora da Universidade Feevale Margarete Fagundes Nunes, a aprovação do estatuto, por si só, é uma conquista. “A verdade é que a garantia da legislação é o primeiro avanço, tendo em vista a questão jurídica. Demos um passo maior em relação ao que tínhamos anteriormente”, frisa. Da mesma forma, a especialista em Cultura Afro-Brasileira Margarida da Silva entende a instituição da lei como o primeiro passo.

“Porque estabeleceu políticas públicas para melhorar as condições do povo negro. Programas e medidas específicas adotados foram reflexo disso”, avalia, citando como exemplo o projeto em relação à anemia falciforme, doença que atinge muito a população negra. As cotas, de forma efetiva, não foram implementadas com o estatuto, mas a partir dele. “A lei foi aprovada em 2012, mas o documento de 2010 é uma diretriz normativa que dá respaldo ao que viria a seguir, porque o processo de institucionalização é firmado”, detalha Jéferson. Trata-se, também, de uma vitória do movimento negro.

“O estatuto culmina da luta de militantes, liderados pelo senador Paulo Paim, autor do projeto. Embora sua concretização tenha ocorrido com ressalvas, necessárias para conseguir a aprovação, temos o fortalecimento da luta na sociedade brasileira”, avalia a coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi) da Unisinos, professora Adevanir Pinheiro, a Deva.

Esforço contínuo para aproveitar espaços

Mas nem tudo são flores. “Não basta só entrar na universidade. O mais difícil é se manter nela. Essa permanência demanda gastos, que nos obrigam a fazer escolhas”, exemplifica Jéferson Luís Staudt, lembrando que na maior parte das vezes há questões de vulnerabilidade social envolvidas e que o dinheiro precisa ser investido em outras necessidades. Para ele, não foi diferente.

“Tive que trabalhar em paralelo a isso, como é o caso da maioria das pessoas, e enxugar gastos nesse processo. Não fiz investimentos em lazer, roupas, entre outros, para poder me manter na graduação”, completa. Ao mesmo tempo em que cursava a licenciatura, Jéferson trabalhava em dois locais.

“E fazia o estágio à noite. Eu estudava de madrugada e aos finais de semana. Era muito corrido”, cita, lembrando do período, mas mostrando que não deve ser tido como um exemplo de superação. O ideal é que um dia as oportunidades não exijam que os estudantes elejam prioridades drásticas como forma de garantir um futuro mínimo na educação.

Para o futuro, Jéferson quer mais debate

De maneira pessoal, Jéferson também tem sonhos para o futuro. “Quando concluir a formação do doutorado, quero trabalhar com educação básica, qualificar o ensino público e colocar em prática discussões étnicoraciais”, ressalta. A capoeira, que foi reconhecida como desporto de criação nacional pelo estatuto, será um dos pontos de atuação. “Nos estágios que realizei, já pude perceber que

essas discussões são muito tímidas dentro da escola. Muitas relações recebem apenas uma abordagem turista, ou seja, em datas específicas", frisa. E o doutorando não esconde outro desejo. "Tenho interesse em ser professor na graduação e tensionar essas questões no âmbito acadêmico", conclui.

Autor do projeto, senador Paim faz análise

Autor do projeto e atual presidente da Comissão de Direitos Humanos do Senado, o senador Paulo Paim (PT) destaca que o estatuto é como uma bússola norteadora para a implementação de políticas com esse viés. "É a norma jurídica mais ampla para promoção da igualdade racial no Brasil, para não dizer no mundo. Contudo, precisa ser implantada e reconhecida por todas e todos", afirma.

Paim admite que para conseguir a aprovação, foi necessário abrandar dispositivos, o que não era o ideal, mas o possível para o momento. "Em dias como o que vivemos hoje, tenho plena certeza que não conseguiríamos avançar com as políticas raciais", lamenta. Na visão do político, o mito da democracia racial ainda prevalece.

"Mesmo com dados estatísticos diários de órgãos respeitados, como o IBGE, Ipea, Fórum Brasileiro de Segurança Pública e outros, a sociedade brasileira se nega a assumir o racismo estrutural e institucional vivenciado pela população negra", descreve. Tomando como exemplo a eleição de Kamala Harris, a primeira mulher negra eleita vicepresidente no Estados Unidos, ele espera que "os ventos da democracia avancem pelo continente" e possibilitem novas mudanças futuras.

"Muito já foi feito, mas temos muito ainda a caminhar para promoção da igualdade racial no Brasil. O racismo é perverso e a desigualdade ainda é o grande marco em nossa sociedade", finaliza.

Soluções devem ser construídas por todos

O que os pesquisadores concordam é que a saída está na ação. Porém, o primeiro passo, para a professora Margarida, é reconhecer que existe desigualdade de oportunidades. "Somos iguais, mas perante à sociedade não. Temos uma carga de atraso muito grande por causa da escravização. São poucos anos a partir da abolição, se formos analisar. Por isso, é preciso avançar muito", diz. Dessa forma, Deva defende que é necessário transformar pensamentos.

"A mudança não tem que ocorrer só no estatuto, mas na mente dos brancos. Melhorar índices, a educação, organizações negras, projetos políticos-pedagógicos, nada disso vai avançar significativamente se a branquitude não se olhar, não olhar o espaço de privilégio que ela ocupa", detalha, explicando que há um medo muito grande entre os brancos de perderem seus espaços, seu status quo. No estatuto, para a coordenadora do Neabi, alguns pontos devem ser revistos.

"Uma reforma poderia provocar mudança no sentido de revisão das práticas sociais e raciais, pedagógicas, que ainda se revestem de inclusão obscura", frisa. Nesse sentido, pleiteia por alterações nas práticas do cotidiano. "No sistema como um todo – político e social", pontua. Segundo a especialista em cultura afro-brasileira Margarida, a educação provoca a mudança. "Que possamos conhecer a história dos negros e africanos no Brasil. Que as crianças tenham acesso à informação, que possam trabalhar a diversidade que existe no País. Que as famílias possam participar também dessa construção."

Margarete avalia que não basta demandar apenas o papel das políticas públicas. "Não podemos ficar dependentes do Estado, porque quem está no poder muda e alguns dão mais importância e outros podem se omitir ou até recuar diante dessas conquistas. Há ações que nós, enquanto sociedade, podemos realizar." Como exemplo, estão ações afirmativas. "Empresas, sociedades, organizações podem tomar também para si essa discussão. Um exemplo simples é construir um projeto para trabalhadores negros dentro da organização. Ainda podemos avançar e muito", arremata.

Estatuto precisa avançar ainda mais

Isso demonstra que, apesar de positivo, o estatuto ainda tem muito a progredir. Uma das principais brechas, para Margarida, está no que ainda não saiu do papel. "Há coisas que precisam ser revistas e colocadas em prática, principalmente o acesso à moradia

adequada para pessoas que estão em situação vulnerável nas comunidades quilombolas", diz, lembrando que essas populações vivem remanescentes e precisam ter o poder público ao seu lado.

"Quando não têm os documentos, muitas vezes perdem as terras", complementa. Discriminação a pessoas que seguem religiões e cultos de matriz africana, marginalização da mulher negra e a situação do mercado de trabalho também estão entre os pontos mais sensíveis, para a professora. Além do que já foi citado por Margarida, Deva concorda que reformas são necessárias.

"Desde que contemplem ações das quais a população negra necessita. Como a vida quilombola, que carece de recursos. A educação, em que a inclusão desde a educação infantil precisa ser revista. A ausência de crianças e adolescentes negros nas escolas e universidades ainda é gritante", lamenta, lembrando que a evasão escolar é outra problemática na área. Segundo a coordenadora do Neabi, a situação da saúde precisa de reavaliação. "Agora, por exemplo, em tempos de coronavírus, as populações negra e indígena são as mais atingidas", pontua.

Para Margarete, o alto índice de violência contra a população negra necessita de atenção. "Se olharmos os dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), vemos que os negros jovens continuam sendo as principais vítimas de homicídio. Isso tem que ser levado a sério. É muita vida interrompida de forma violenta na juventude."

Dificuldades estão presentes no dia a dia

Para Jéferson, as diferenças ainda provocam um abismo entre a população negra e a branquitude. A começar pelo local que é a sua paixão – a sala de aula. "Na licenciatura, muitas vezes era só eu de negro em uma turma com 40 alunos. Às vezes, tinha mais um colega. No máximo, três. E quando o assunto das cotas era discutido, mesmo que vissem que não havia diversidade étnica ali, eram contrários a essa política", descreve.

O tempo passou, o hamburguense foi ocupando outros espaços, mas a realidade não mudou. "Vejo que não existe representatividade étnica no corpo docente dentro das universidades. Há muito mais negros trabalhando nos setores de serviços. Só que os alunos negros precisam se enxergar em professores negros. É uma questão de pertencimento", analisa.

20/11/2020 | Jornal NH | Tech & Inovação | 13

Incubadas aqui

Na edição deste ano do ranking 100 Open Startups, a região foi muito bem representada. Além da hamburguense Sirros IoT, quatro start-ups incubadas no Feevale Techpark se destacaram na plataforma internacional que tem como objetivo dar visibilidade para as start-ups selecionadas pelo mercado. São elas: Trashin, Pix Mídia, Price Survey e Alexxo. A Trashin também ficou em 2º lugar no ranking Top 10, categoria CleanTechs. A Pix Mídia ficou em 3º lugar na categoria HRTechs. Já a Price Survey ficou em 5º lugar na categoria RetailTechs. E a Alexxo em 9º lugar na categoria EnergyTechs. A diretora de Inovação da Universidade Feevale, Daiana de Leonço Monzon, diz que é gratificante ver start-ups do parque se destacando neste ranking.

20/11/2020 | Jornal NH | Tech & Inovação | 13

Growdev lança curso gratuito...

A Growdev, start-up instalada no Feevale Techpark, lançou o Codaí, uma iniciativa em parceria com o Seprorgs e Umbler, com o intuito de estimular o interesse de jovens e adultos a ingressarem na área de desenvolvimento de software. On-line e gratuito, o curso tem como objetivo apresentar as oportunidades do mercado de tecnologia e dar uma introdução ao desenvolvimento de aplicações para web.

...voltado para a área de TI

“Nosso foco não é formar profissionais neste curso, mas sim apresentar uma das carreiras mais em alta no mercado e as grandes oportunidades relacionadas”, destaca o CEO da Growdev, Manoel Roldão (foto). As inscrições vão até a próxima terça-feira.

20/11/2020 | Jornal NH | Tech & Inovação | 13

Sinosbyte cresce 60% em 2020

Em janeiro, a Sinosbyte inaugurou sua nova sede no Parque Tecnológico de São Leopoldo (Tecnosinos). De lá para cá, a empresa que atua como integradora de soluções para SAP vê um crescimento robusto. No primeiro semestre de 2020, o aumento no volume de negócios, tanto de clientes atuais quanto novos, foi de 60% na comparação com o mesmo período de 2019. E o segundo semestre deve terminar no mesmo ritmo.

Controle maior de estoque

A Sinosbyte, que tem entre seus clientes Arezzo, Fundimisa, Medabil e Harmann, está trabalhando, inclusive, na formação de um banco de talentos da área de programação que estejam na fase inicial do curso superior para serem formados e treinados na empresa. “A pandemia fez as empresas se voltarem mais para a gestão e controlar mais, principalmente, a compra de insumos e o estoque”, comenta o CEO.

20/11/2020 | Jornal VS | Sabe-Tudo | 2

Novos caminhos para Biomedicina

Encerra hoje a Semana de Biomedicina Unisinos. Trata-se de um evento Gratuito com acesso pelo site da universidade.

20/11/2020 | Jornal VS | Cotidiano | 4

Consciência que pulsa memória e antirracismo

O 20 de Novembro é uma data de reflexão, de heranças e de avançar na fortemente luta pela igualdade que precisa estar presente todos os dias

A leopoldense Mitti Mendonça, artista têxtil e ilustradora, faz um trabalho que carrega o bordado de gerações de mulheres negras. O que ela propõe e coloca em trânsito é a necessidade de respirar e de falar de poéticas negras, da memória, do afeto e da ancestralidade. Reflexões essenciais para um dia como hoje, 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. O importante dessa data é que os bordados para contrapor os discursos hegemônicos ainda constantes na história estão cada vez mais presentes a cada dia.

Para espaços de mobilização e reflexões como o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (Neabi), da Unisinos, Grupo Identidade, da Faculdades EST, e o Fórum de Entidades Negras de São Leopoldo, o tempo é de força. Na verdade, tem sido há tempos e cada vez mais. Resistência “Nós somos a África na América, mas mesmo assim somos o lugar onde a desigualdade social tem cor. É social e racial. O movimento negro está mais visível porque mais do que nunca precisamos nos defender quando o supremacista branco pensa em nós matar abertamente. É preciso contra-atacar com o diálogo, com os conceitos, com conhecimento e, sobretudo, convocando aquele sujeito branco que não é racista rever seus privilégios e ser empático na luta contra o racismo”, ressalta Sueli Angelita da Silva, assistente social do Neabi.

“Quanto a questão das mulheres, elas são a resistência. Elas têm movimentado a pirâmide social por ser a base dela, especialmente no Brasil. Devido a morte da Marielle Franco socióloga e vereadora carioca que foi assassinada numa emboscada no dia 14 de março de 2018) se acendeu um alerta necessário. Alerta para que nossa representação na política se ampliasse. Não bastava votar em quem defendia a causa negra. Era preciso votar no sujeito negro, mas aquele que tivesse sua identidade, que se reconhece como sujeito negro para fazer a diferença. E as mulheres foram a luta não só contra os racismos, mas também conta o machismo e a homofobia.” Desafios Para Selenir Kronbauer, professora e coordenadora do Grupo Identidade, os desafios não acabam, eles se somam ao conjunto de necessidades que ainda são importantes serem destacadas e concretizadas.

“Diante da atual situação que o mundo está vivendo, nós temos tentado aumentar nossas esperanças em relação a expectativa de cenários mais positivos, que possam contemplar a população negra. Que no nosso Município, por exemplo, as políticas públicas possam ser criadas para realmente atenderem as necessidades da população negra, que não sejam confundidas, pelos nossos governantes, como atividades recreativas e festivas para comemorar o 20 de novembro, mas que realmente tenham uma proposta de ação concreta para atender educação de qualidade, saúde e atendimento adequado."

(Ver imagem)

Criação de Mitti Mendonça, que participa a partir da próxima semana de mostra na Pinacoteca Aldo Locatelli e que trabalha técnicas de desenho, bordado e arte digital

Movimentos por igualdade

Tania Maria Rodrigues da Silveira, coordenadora do Fórum das Entidades Negras de São Leopoldo (FEN), destaca que desde o século 19 vários movimentos surgiram contra a escravidão, em defesa da igualdade de direitos e contra o racismo. E que a partir de 1980 o movimento de mulheres negras começa a ganhar força. “Em 1985 no 3.º Encontro Feminista Latino-Americano, ocorrido em São Paulo, emerge a organização de mulheres negras com expressão coletiva com o intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista”, lembra.

“Desde então, as mulheres feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência. Hoje, mais do que nunca, mulheres negras precisam sair da invisibilidade e ocupar espaços de fala. Segundo o Mapa da Violência de 2018, sete em cada 10 pessoas assassinadas eram negras. Em 2019 nos casos de violência sexual, 50,9% são mulheres negras. Nas vítimas de feminicídio, 61% são mulheres negras. E neste período de pandemia, uma pesquisa no primeiro semestre aponta que de quatro mulheres assassinadas, três são negras. E de cada cinco mulheres vítimas de feminicídio, três são negras. E 51% de casos de lesão corporal também são de mulheres negras. Nos casos de estupro 52% são de mulheres negras.

20/11/2020 | Jornal VS | Tech & Inovação | 18

Incubadas aqui

Na edição deste ano do ranking 100 Open Startups, a região foi muito bem representada. Além da hamburguense Sirros IoT, quatro start-ups incubadas no Feevale Techpark se destacaram na plataforma internacional que tem como objetivo dar visibilidade para as start-ups selecionadas pelo mercado. São elas: Trashin, Pix Mídia, Price Survey e Alexxo. A Trashin também ficou em 2º lugar no ranking Top 10, categoria CleanTechs. A Pix Mídia ficou em 3º lugar na categoria HRTechs. Já a Price Survey ficou em 5º lugar na categoria RetailTechs. E a Alexxo em 9º lugar na categoria EnergyTechs. A diretora de Inovação da Universidade Feevale, Daiana de Leonço Monzon, diz que é gratificante ver start-ups do parque se destacando neste ranking.

20/11/2020 | Jornal VS | Tech & Inovação | 18

Growdev lança curso gratuito...

A Growdev, start-up instalada no Feevale Techpark, lançou o Codaí, uma iniciativa em parceria com o Seprorgs e Umbler, com o intuito de estimular o interesse de jovens e adultos a ingressarem na área de desenvolvimento de software. On-line e gratuito, o curso tem como objetivo apresentar as oportunidades do mercado de tecnologia e dar uma introdução ao desenvolvimento de aplicações para web.

...voltado para a área de TI

“Nosso foco não é formar profissionais neste curso, mas sim apresentar uma das carreiras mais em alta no mercado e as grandes

oportunidades relacionadas", destaca o CEO da Growdev, Manoel Roldão (foto). As inscrições vão até a próxima terça-feira.

20/11/2020 | Jornal VS | Tech & Inovação | 18

Sinosbyte cresce 60% em 2020

Em janeiro, a Sinosbyte inaugurou sua nova sede no Parque Tecnológico de São Leopoldo (Tecnosinos). De lá para cá, a empresa que atua como integradora de soluções para SAP vê um crescimento robusto. No primeiro semestre de 2020, o aumento no volume de negócios, tanto de clientes atuais quanto novos, foi de 60% na comparação com o mesmo período de 2019. E o segundo semestre deve terminar no mesmo ritmo.

Controle maior de estoque

A Sinosbyte, que tem entre seus clientes Arezzo, Fundimisa, Medabil e Harmann, está trabalhando, inclusive, na formação de um banco de talentos da área de programação que estejam na fase inicial do curso superior para serem formados e treinados na empresa. "A pandemia fez as empresas se voltarem mais para a gestão e controlar mais, principalmente, a compra de insumos e o estoque", comenta o CEO.

20/11/2020 | O Timoneiro | Geral | 5

Clínica de Saúde da Família Cerne abre as portas na terça-feira

Na próxima terça-feira, 24, a Prefeitura de Canoas inaugura a Clínica de Saúde da Família Cerne (rua Engenheiro Kindler, n° 146o). O espaço, onde antes funcionava uma Unidade Básica de Saúde (UBS) foi totalmente reformado e recebeu uma ampliação estrutural. O horário de atendimento, que era das 8 às 17 horas, passará a ser das 8 às 20 horas. Os consultórios, que eram três, agora serão 9. Além disso, a clínica contará com pronto atendimento e teve sua equipe ampliada em 100% no número de profissionais. O atendimento odontológico também foi ampliado.

Agora são duas equipes, um aumento de 100%, e o pronto atendimento funciona das 8 às 20 horas. Em outubro, a Prefeitura de Canoas inaugurou três novas Clínicas de Saúde da Família (CSF). No dia 21, foi a vez da clínica localizada na rua Caçapava, no bairro Ma-thias Velho, enquanto no dia 22 foi aberta a CSF Mato Grande, na rua República. Já no dia 23 foi inaugurada a CSF CAIC, na avenida Dezessete de Abril, no bairro Guajuviras. Além das seis Clínicas de Saúde da Família que já foram inauguradas desde 2019, a Prefeitura está reformando outras quatro UBS, que também passarão a operar em breve no novo formato.

Desta forma, as próximas CSF serão: Santa Isabel, Prata, e Nova Niterói. Estas clínicas se somam a outras unidades entregues nos últimos anos. Em 2019, a Prefeitura também inaugurou três Clínicas de Saúde da Família. Os bairros Guajuviras, Estância Velha e Olaria foram beneficiados com as novas unidades. Na clínica, o paciente pode realizar consultas, exames, terapias e fazer tratamento para doenças crônicas sem precisar de grandes deslocamentos ou buscar outros serviços. Com mais médicos e profissionais de saúde, as clínicas tem dado nova cara aos atendimentos e facilitado o acesso da população, já que também atendem durante a noite.

Na prática, são ofertadas consultas clínicas e odontológicas, curativos, atendimentos ambulatoriais, exames, grupos de educação em saúde, vacinação, testes rápidos, psicólogos, assistente social, nutricionista, distribuição de medicamentos e marcação de consultas. Os agendamentos são diários, onde a equipe atenderá de imediato todas as pessoas que chegarem à Unidade de Saúde. Ainda em dois 2020, entram em funcionamento as Clínicas de Saúde da Família Prata e Caçapava. Também estão sendo reformadas as UBSs Mato Grande, Cerne, Nova Niterói, Santa Isabel e CAIC. Mulheres e crianças No Hospital Universitário, em agosto do ano passado, a Prefeitura inaugurou a Clínica de Saúde da Mulher. Um pronto-atendimento, primeiro da história de Canoas, que atende emergências obstétricas e ginecológicas. Lá, já nasceram mais de mil crianças, num espaço totalmente reformado e confortável. O HU também ganhou a reforma da UTI Neonatal.

A Unidade conta com três alas: UTI Neonatal tipo 3, com 20 leitos, Cuidados Intermediários, com 10 leitos, e a ala Canguru, com mais cinco leitos. Também foram inaugurados 1o novos leitos de UTI e a reforma dos blocos cirúrgicos. Além disso, foi inaugurada

a Clínica de Saúde da Criança, um espaço inédito na cidade, que atende 24 horas por dia, sete dias por semana, emergências pediátricas. A Prefeitura prossegue no atendimento aos idosos em todas as necessidades de saúde, além dos cuidados especiais em relação à covid-19 9.

Conforme noticiado na última semana, embora recentemente tenha se espalhado nas redes sociais uma fake news (notícia falsa) sobre a extinção da unidade de pronto-atendimento do Idoso (UPA do Idoso), a unidade continua existindo. A equipe de reportagem do jornal Timoneiro conversou com o secretário municipal da Saúde, Fernando Ritter, que explicou que a unidade não apenas não fechou, como ainda teve seus serviços ampliados. O que ocorreu, de fato, foi uma mudança de endereço e de nome.

A antiga UPA Rio do Idoso, antes localizada no bairro Rio Branco, agora está no Centro, na avenida Guilherme Schell, chamada de Clínica de Saúde do Idoso. De acordo com Fernando Ritter, o antigo espaço estava pequeno para atender a demanda de idosos que necessitam dos serviços. Além disso, o antigo local não possibilitava fácil acesso a quem vinha de outros bairros. Por fim, no novo local, foi possível agregar um Centro de Referência ao Cuidado do Idoso.

20/11/2020 | O Timoneiro | Geral | 6

Mutirão da saúde vai realizar mais de 16 mil consultas e procedimentos cirúrgicos

As últimas semanas estão sendo de intensa movimentação no Hospital Municipal de Canoas (Hospital da Ulbra). A Prefeitura, através da Secretaria Municipal da Saúde (SMS), está realizando um mutirão de procedimentos cirúrgicos e consultas em áreas específicas que iniciou no mês passado e vai até o final de dezembro. Mais de 16 mil atendimentos devem ser realizados para acolher à demanda represada durante o ápice da pandemia do novo coronavírus na cidade. De acordo com o secretário municipal da Saúde, Fernando Ritter, Canoas passou pelo pior momento da pandemia e o sucesso do enfrentamento, até então, permite agora o aumento no número dos procedimentos eletivos em diversas especialidades, como os voltados para a cardiologia, traumatologia, cirurgia vascular, pneumologia, ginecologia e proctologia.

“A diminuição considerável do número de casos, gerada principalmente pela excelência dos Hospitais de Campanha, que atenderam mais de 17 mil canoenses, permitiu que nossos profissionais pudessem recuperar todas aquelas cirurgias e procedimentos represados”, explica. Até mesmo as consultas e cirurgias referentes às áreas de neurologia e cardiologia, por exemplo, não foram comprometidas na totalidade durante a pandemia. No entanto, a demanda, que outrora tinha como média 5 mil pessoas por mês, não foi a mesma. Diversos pacientes, por se enquadrarem no grupo de risco da Covid-19, permaneceram em suas casas para não correr o risco da infecção.

Para auxiliar no atendimento à população sem que haja qualquer prejuízo às operações que já ocorrem em dias de semana, a Prefeitura de Canoas promove os procedimentos aos sábados, domingos e nos horários noturnos para pacientes previamente agendados. Cerca de 8.820 consultas já estão marcadas para esse período. O Hospital Municipal de Canoas, referência para o tratamento da covid-19 no estado, recebeu reforma em 100% de suas instalações, como alas, quartos, sanitários e corredores. No último andar reformado, o oitavo, as reformas ocorreram sem qualquer intercorrência aos pacientes internados. Desde 2017, a reestruturação e o aparelhamento do hospital oferecem maior qualidade e conforto ao quadro de funcionários, pacientes e familiares.

20/11/2020 | Zero Hora | Notícias | 14

A inédita bancada negra

O Dia da Consciência Negra tem, neste ano, o gosto de uma conquista histórica. Nunca antes os porto-alegrenses escolheram tantos representantes negros para a Câmara: foram cinco vereadores eleitos no domingo, incluindo a candidata mais votada.

Karen Santos (PSOL), Bruna Rodrigues (PCdoB), Daiana Santos (PCdoB), Laura Sito (PT) e Matheus Gomes (PSOL) tiveram, somados, cerca de 40 mil votos. Hoje, eles farão uma coletiva de imprensa para "apresentar a inédita bancada negra de Porto

Alegre", no dia em que o líder quilombola Zumbi dos Palmares é lembrado. Segundo a Câmara, da primeira legislatura em 1947 até 2020, 26 negros ocuparam uma vaga no Legislativo da Capital, boa parte como suplentes. Vinte eram homens e seis, mulheres.

Agora, o grupo formado por jovens de esquerda quer criar pauta conjunta que parta da luta antirracista e deve abranger temas como mobilidade urbana, moradia, educação, casas de acolhimento, investimento em cultura, políticas para as mulheres e outros.

- A gente tem grande problema em acessar os recursos para garantir direitos sociais que têm sido negados lá na Lomba, no Rincão, na Restinga, nos bairros majoritariamente negros - destaca Karen.

Manifestações

É unanimidade entre eles o entendimento de que o passo dado no domingo é resultado de mais de uma década de organização e mobilização. Mas, como combustível, há contexto efervescente de protestos pela morte de George Floyd nos Estados Unidos, ou relacionados ao assassinato da vereadora do Rio Marielle Franco há dois anos.

- Estávamos nos organizando há muito tempo para esse momento. - revela Matheus.

Apesar de não serem todos do mesmo partido, os cinco já se conhecem do trabalho que fazem em coletivos e movimentos sociais e nutrem admiração um pelo outro - "reconhecem um no outro o compromisso com a luta racial", segundo Laura. E estão ansiosos para deixar o plenário da Câmara mais parecido com a realidade das ruas.

- A gente está um passo mais perto de ter uma casa do povo - afirma Daiana.

Nascida e criada na Vila Cruzeiro, Bruna Rodrigues, 33 anos, descobriu a política enquanto buscava vaga na creche para sua filha. Logo se envolveria na luta por moradia (ela foi uma das pessoas removidas para as obras de duplicação da Avenida Tronco), por educação e por saúde, defendendo especialmente o Postão da Cruzeiro.

Sua filha Kamilly já tem 15 anos, mas a oferta de creches para mulheres segue uma das bandeiras de Bruna:

- A vaga na creche decide qual mulher vai ter liberdade e qual não vai.

Estudante de Administração Pública Social na UFRGS, além de a primeira mulher na família a entrar na universidade, Bruna não esconde a felicidade de assumir uma vaga na Câmara:

- Isso não é só uma onda: é um processo construído a duras penas há muito tempo.

Com 15.702 votos, a professora de Educação Física Karen Santos foi eleita a vereadora mais votada da Capital. Ela não será novata na Câmara: eleita suplente há quatro anos, assumiu uma vaga após a eleição de Fernanda Melchionna para a Câmara Federal. Karen avalia que a eleição de cinco candidatos negros resulta uma soma de fatores, e dentro deles está uma abertura maior da cidade - que ainda considera conservadora - ao novo. A partir de janeiro, ela quer "fazer valer o voto de confiança que a comunidade negra e a

comunidade antirracista" depositou neles.

- Tem de equilibrar a linha de partida: são 520 anos de história do Brasil, e o nosso povo nunca teve as mesmas oportunidades de se desenvolver e de competir em uma sociedade como a nossa, que é tão desigual.

Matheus Gomes integrou a segunda turma de cotistas negros da UFRGS, em 2009. Na primeira semana de aulas, um segurança o puxou pelo braço quando chegava para almoçar.

- Não era comum ver um jovem negro indo comer no restaurante universitário - conta o hoje vereador eleito de 29 anos.

Líder estudantil e defensor das cotas, Matheus não se conformava na época e segue sem se conformar com o racismo na Capital. Já formado em História, o quinto vereador mais votado de Porto Alegre ressalta que metade da população negra vive em poucos bairros periféricos de Porto Alegre.

- A segregação urbana, territorial, é gritante. E o poder público está há anos governando para o Centro, enquanto há uma Porto Alegre que finge que não existe - critica Matheus.

Esta foi a primeira vez que Daiana Santos se candidatou. Ver que o dinheiro público não retorna ao lugar que ela pertence foi o que motivou a buscar a vereança. Filha de empregada doméstica, criada com referência de mulheres fortes da periferia, Daiana, 36 anos, mora na Vila das Laranjeiras, no Morro Santana. Como sanitarista e educadora social, conheceu boa parte da periferia de Porto Alegre.

Ela entra na Câmara querendo propor um projeto de avaliação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das regiões mais precárias. Nesses lugares, quer viabilizar ações de geração de renda, segurança e habitação.

Enquanto não assume, celebra a conquista. Conta que o "morro veio abaixo" quando saiu o resultado da eleição:

- As pessoas me olhavam e diziam: "Uma de nós entrou".

Laura Sito, 28 anos, será vereadora e se tornará mãe em 2021 - está grávida de cinco meses. Ela se orgulha de ser jornalista negra da periferia, formada na UFRGS via política de cotas. Em carta aberta escrita ano passado ao então ministro da Educação, Ricardo Vélez-Rodriguez, destacou que a mãe dela, empregada doméstica, teve a felicidade de ir duas vezes ao Salão de Atos da UFRGS para ver suas filhas se formarem.

Laura chegou a assumir como suplente em 2017. É autora de projetos de lei como o que institui o Programa Municipal de Enfrentamento e Prevenção à Violência Doméstica e Família, Sexual e de Gênero Contra a Mulher nas escolas municipais.

- Setores que a população entendeu que eram importantes estarem representados são os mais atingidos por essa agenda econômica (do governo federal) - opina Laura.

20/11/2020 | Zero Hora | Notícias | 24

Consciência Negra todos os dias

O esforço é para que o 20 de novembro se espalhe pelo restante do calendário todos os anos. Não basta discutir o racismo e a negritude em apenas um momento do ano. Hoje, Dia da Consciência Negra, celebra-se o orgulho da presença e a importância da pele preta em um mundo cada vez mais mobilizado para combater a intolerância com informação, empoderamento e representatividade.

Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Programa de Extensão Uniafro na instituição, a doutora em Educação Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher torce para que a data se torne secundária:

- É preciso que nossa sociedade avance na garantia dos direitos dos negros de forma tão forte que esta se torne uma data só para lembrar um herói, o Zumbi dos Palmares (mais conhecido líder quilombola brasileiro), e não para lembrar o racismo.

Além de Gládis, outras duas especialistas em questões envolvendo negritude contribuíram para formular essa relação com nove ações que você pode adotar para combater o racismo: Luciana Dornelles Ramos, professora de Educação Física e idealizadora do projeto Empoderadas IG, que fomenta o protagonismo negro e combate opressões diversas, e Perla Santos, professora de Séries Iniciais da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mario Quintana, na Restinga, em Porto Alegre, além de fundadora e uma das coordenadoras do Movimento Meninas Crespas, que valoriza a estética e a história negras a partir do cabelo afro.

Nove ações para combater o racismo

1 NÃO RIA

Não silencie ou ria, ainda que constrangido, diante de "brincadeiras" depreciativas quanto a cor de pele, tipo de cabelo, formas do rosto ou do corpo. Você não pode se frear por medo de ser visto como o "chato" que cobra bom comportamento em um grupo de amigos ou em um espaço público. Com paciência e de forma educada, você estará educando os demais.

2 REAJA

Amplificados e denunciados nas redes sociais, os episódios de preconceito e os discursos de ódio são frequentes e contundentes. Não basta você dizer que é contra essas práticas - deve ter atitudes que demonstrem sua postura antirracista. O silêncio é conivente, colabora com o racismo. Faça a sua intervenção quando flagrar algum episódio dessa natureza. Tome um cuidado importante: não anule a pessoa ofendida, não tome o lugar dela. O ideal é reagir e lutar ao lado de quem está sendo atacado.

3 CONVERSE

Não há nenhum negro na família, no grupo de amigos, na sala de aula do seu filho, no prédio? Nem por isso as questões referentes à negritude devem deixar de ser discutidas no seu dia a dia. Uma sociedade mais respeitosa e igualitária deve ser do interesse de todos.

4 VALORIZE O CONHECIMENTO

Leia a produção de autores negros, consulte especialistas negros, dissemine as ideias de pensadores negros. Siga os perfis de influenciadores respeitados nas redes sociais.

5 INCENTIVE

Na pandemia, teve grande destaque o incentivo aos pequenos comerciantes e empreendedores, para que pudessem sobreviver à grave crise econômica. Que tal valorizar também os negros que são comerciantes e prestadores de serviços no seu bairro e nas redondezas? Divulgue os bons trabalhos, compartilhe os contatos.

6 LEIA

Busque livros, artigos, reportagens sobre o tema. Pequeno Manual Antirracista, escrito por Djamila Ribeiro, é um ótimo começo.

Familiarize-se com palavras e expressões presentes nas discussões sobre o tema. Você sabe o que é negritude? E branquitude? Informe-se sobre ações afirmativas antes de simplesmente criticá-las.

7 INDIQUE

Sua empresa está com vagas abertas? Indique profissionais negros para os processos seletivos. Muitas vezes, a informação sobre esses postos de trabalho tem uma circulação restrita, não atingindo públicos variados.

8 QUESTIONE-SE

Dedique-se a exercícios de observação, treine o seu olhar. Preste atenção nos lugares que você frequenta: escritório, restaurantes, bares, eventos, parques. Há pessoas negras? Quantas? Que posições elas ocupam nesses cenários? Você acha que esse número reflete a realidade brasileira?

9 AGRUPE-SE

A depender de seu nível de interesse e mobilização, procure grupos temáticos. Cada vez mais empresas têm incentivado a reunião de funcionários identificados com as questões relacionadas à negritude. Esses espaços não são exclusivos para negros. Pelo contrário: a presença de brancos costuma ser bem-vinda, o que dá diversidade à pauta desses encontros e aumenta o potencial disseminador de boas práticas.

Educar para uma nova sociedade sem preconceito

Seu filho convive com negros? Essas pessoas são amigas ou empregadas? Você oferece a ele livros e filmes em que os protagonistas são pretos? Você, pai ou mãe, já leu livros de autores negros? Acha importante pensar sobre isso?

Neste Dia da Consciência Negra, quem propõe a série de questões é a professora Luciana Dornelles Ramos, idealizadora do projeto Empoderadas IG, que fomenta o protagonismo negro e combate opressões diversas. Ela dá a inquietante resposta:

- Se a maioria das respostas for não, essa criança está crescendo em uma "bolha branca".

Além de Luciana, Zero Hora consultou outras duas referências no debate da negritude para organizar este pequeno conjunto de nove dicas sobre como educar mirando a construção de uma sociedade sem preconceito. São elas: Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher, doutora em Educação, professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Programa de Extensão Uniafro na instituição, e Perla Santos, professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mario Quintana, na Restinga, em Porto Alegre, além de fundadora e uma das coordenadoras do Movimento Meninas Crespas, que valoriza a estética e a história negras a partir do cabelo afro.

- A criança não nasce racista. Ela aprende a ser racista - assevera Gládis. - Como ela aprende? Não é que o adulto vá dar uma aula ensinando. A criança aprende por meio das ações, não só a partir daquilo que é dito. Às vezes, as pessoas se defendem, "eu não sou racista, não xingo os negros". O ensino do racismo não se dá só pela ação, se dá também pela omissão. Quando a criança assiste a um episódio racista em que o adulto fica mudo, ela aprende pela inação dele. O adulto tem de romper o silêncio, a omissão - completa a professora.

1. EDUQUE PELO EXEMPLO

As crianças aprendem a partir do comportamento e da fala dos adultos. Na língua portuguesa, empregam-se palavras de cunho racista em abundância. Pense em “esclarecer”: tornar claro, explicar, elucidar. Ou seja, algo bom. Então quer dizer que o escuro é ruim? Esta pode ser uma das ideias depreendidas daí. Pense sobre o que você fala e procure excluir as palavras de sentido racista.

2. ESTIMULE A CONVIVÊNCIA

Seu filho convive com negros? Eles são colegas de aula, membros da família, amigos, vizinhos ou empregados da casa ou do condomínio? Ajude-o a ter variedade no âmbito das relações e a não cristalizar a imagem de negros como subalternos.

3. DIVERSIFIQUE OS BRINQUEDOS

Apresente a diversidade de cores de pele em jogos, bonecas e outros brinquedos. Fuja da padronização que marcou a infância de várias gerações: bonecas loiras, magras, de olhos claros e cabelo liso. Trata-se de um exercício de observação, apreciação, respeito.

4. PESQUISE LIVROS, DESENHOS E FILMES

Em vez de simplesmente ligar a televisão ou o computador para entreter a criança por um tempo, dedique-se à busca de bons títulos. Mensagens muito importantes, de aceitação e tolerância, podem ser introjetadas a partir de enredos e personagens bem construídos. Procure negros no papel de protagonistas. Se todos os produtos culturais e de entretenimento que entrarem na sua casa exaltarem pessoas brancas, você estará educando seu filho para achar que tudo que é belo, divertido e culto tem a cor branca.

5. “AFROBETIZAÇÃO”

Saia da posição de quem sabe tudo e ocupe o lugar de quem também ainda tem muito a aprender. Leia e assista a filmes junto de seus filhos. Experiências compartilhadas são mais enriquecedoras.

6. MATERIAL ESCOLAR

Há estojos de lápis de cor e giz de cera com diversas cores para representar as diferentes tonalidades de pele, permitindo que a criança explore sua criatividade de maneira mais conectada à realidade. Proporcione o acesso a esses itens e incentive o uso, aproveitando para fomentar boas discussões.

7. APRESENTE A ÁFRICA

Que imagens vêm a sua cabeça ao pensar no continente africano? Faça um esforço para não reduzir os conteúdos apresentados às crianças a fotos de paisagens nas savanas, safáris e animais selvagens. A África é isso também, mas sua complexidade vai além.

8. ASSUMA A RESPONSABILIDADE

Educar para a aceitação da diversidade não é tarefa unicamente da escola e dos professores. A criança aprende o tempo todo, em qualquer lugar, e a família e os demais cuidadores não podem deixar de cumprir seu papel.

9. AJUDE A INTERPRETAR A REALIDADE

Explique o que significam os episódios de racismo que mais repercutem na imprensa e nas redes sociais. Comente cenas que você presenciar na companhia do seu filho. Sempre que possível, não se omita. Com a linguagem adequada, a criança pode começar a aprender e a entender, desde cedo, o universo onde está inserida.